



## Fake news: Uma pandemia maior que a COVID-19

Esteves, Priscila <sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Profissão Biotec*

Correo para correspondencia [p.e.faria.f@gmail.com](mailto:p.e.faria.f@gmail.com)

### Resumen

---

Na pandemia de COVID-19, as fake news se espalham mais rápido que o próprio vírus. A ciência tem elucidaciones sobre o que leva à disseminação desse tipo de notícias e formas de combatê-las. A conscientização é papel de todos.

**Palabras clave:** COVID-19; Pandemia; Infodemia; Fake news; Ciência; Divulgação científica; Desinformação

### Abstract

---

In the COVID-19 pandemic, fake news spreads faster than the virus itself. Science has elucidated what leads to the spread of this type of news and ways to combat it. Awareness is everyone's role.

**Keywords:** COVID-19; Pandemic; Infodemic; Fake news; Science; Scientific dissemination; Disinformation

### Artículo

---

A pandemia de COVID-19, doença causada pelo vírus SARS-COV-2, foi oficialmente declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020. Nesse ponto, artigos científicos acerca de diversos aspectos da doença haviam sido publicados. A busca por informações tornou-se incessante conforme o vírus se espalhava.

Porém, momentos de caos e incertezas propiciam o surgimento e disseminação de falsas informações - e foi o que aconteceu. A situação atingiu tamanha proporção que a OMS passou a considerar que vivemos não só uma pandemia, como também uma “infodemia”. Isso significa que as falsas informações (ou fake news) sobre a COVID-19 se espalham mais rápido que o próprio vírus.

As perguntas que ficam são: com tantas informações confiáveis, por que as pessoas acreditam em fake news? Há como reverter isso?

Um estudo baseado em notificações recebidas pelo aplicativo brasileiro “Eu Fiscalizo” analisou as fake news majoritárias e seus veículos de disseminação no país [1]. Foi observado que mais de 60% das notícias falsas ensinavam métodos caseiros para conter a propagação do coronavírus. Em segundo lugar, representando 20% das fake news, estavam métodos caseiros para curar a doença.

Além disso, mais de 70% das fake news que mais circularam no Brasil envolviam a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) como fonte da informação. Esses dados reforçam a gravidade das notícias falsas. Afinal, elas instigam, em nome de instituições de confiança da população, atitudes precipitadas e que põe em risco diversas vidas.

Porém, existe outro forte fator para que as pessoas acreditem nas notícias falsas. É intrigante que, mesmo desmentindo muitas fake news, ainda há situações em que parece não valer a pena ir à frente na tentativa de explicação. Nesses casos, o ouvinte costuma ter suas próprias convicções. Isso não justifica julgá-lo, pois a ciência começa a compreender esse tipo de comportamento.

Um estudo de 2018 [2] elucidou o que foi chamado de “viés de conformação”, parte do processo de crença em fake news. Esse viés é uma tendência que alguns indivíduos têm em buscar informações que reafirmem suas crenças pessoais. Eles não só acreditam na informação, como também a repassam e negam o que seja contrário a ela.

Por isso, para lutar contra as notícias falsas, é necessário investir em informação com base científica e acessível. Não basta fornecer informação confiável, ela deve ser compreensível para a população em geral. A colaboração entre a mídia e cientistas é muito bem-vinda para potencializar o acesso à informação de qualidade [3].

A divulgação científica é parte essencial dos artifícios contra as fake news. Esse tipo de iniciativa tem um grande potencial por se utilizar, muitas vezes, das redes sociais. Além disso, a divulgação científica representa um esforço contínuo, atuando tanto em curto quanto em longo prazo. Muitos podem ser os frutos colhidos a partir desse tipo de trabalho.

É absolutamente compreensível que uma pessoa não inserida no meio científico acabe acreditando em fake news. É preciso lembrar que esse tipo de (des)informação é sensacionalista e tem como objetivo aterrorizar e apelar para o lado emocional do leitor. Por isso, é importante desenvolver o hábito de checar as informações recebidas e acompanhar páginas de conteúdo científico confiável.

É importante salientar que o Brasil voltou a bater recordes de mortes em março de 2021. Por isso, vale lembrar que o compromisso com o conhecimento é de todos. Cientistas ou não, todos temos responsabilidade sobre as informações que repassamos - e até sobre as que deixamos de repassar. Que essa reflexão sirva de inspiração à prática e ao costume de buscar e transmitir esclarecimento sobre tudo que nos rodeia.

## Referencias

---

[1] Galhardi, C.P., Freire, N.P., Minayo, M.C.S., Fagundes, M.C.M. (2020). Fact or Fake? An analysis of disinformation regarding the COVID-19 pandemic in Brazil. *Ciência & Saúde Coletiva* 25 (2), 4201-4210. doi:10.1590/1413-812320202510.2.28922020

[2] Bavel, J.J.V., Pereira, A. (2018). The Partisan Brain: An Identity-Based Model of Political Belief. *Trends Cognitive Sciences* 22 (3), 213-224. doi:10.1016/j.tics.2018.01.004

[3] Mesquita, C.T., Oliveira, A., Seixas, F.L., Paes, A. (2020). Infodemia, Fake News and Medicine: Science and the Quest for Truth. *International Journal of Cardiovascular Sciences* 33 (3), 203-205. doi:10.36660/ijcs.20200073